

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zoológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajóia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

A ESTÁTUA-MENIR DO PEDRÃO OU DE SÃO BARTOLOMEU DO MAR (ESPOSENDE, NOROESTE DE PORTUGAL) NO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DA FACHADA COSTEIRA DE ENTRE OS RIOS NEIVA E CÁVADO

Ana M. S. Bettencourt¹, Manuel Santos-Estévez^{1,2}, Pedro Pimenta Simões^{3,1}, Luís Gonçalves³

RESUMO

A estátua-menir do Pedrão foi alvo de novos estudos em 2018 tendo-se verificado que teria cabeça, base arredondada e diversas gravuras, algumas destruídas pela ação antrópica. Tendo em conta a sua morfologia e a disposição das oito covinhas existentes na face sul que se unidas formariam o motivo retangular típico das estátuas-menires do Noroeste, esta deverá ser incluída neste grupo e na mesma cronologia genérica. A estátua-menir está deslocada, embora testemunhos e tradições populares indiquem que estaria perto do seu contexto original – na plataforma litoral em frente ao Monte de Sanfins. Terá funcionado como símbolo de identidade e de poder sinalizando um lugar geoestratégico de encontro entre populações, por motivos religiosos, sociais e de intercâmbio.

Palavras-chave: Estátua-menir, Idade do Bronze, Negociação, Identidade e Poder, Intercâmbio.

ABSTRACT

The statue-menhir of Pedrão was studied and reevaluated in 2018 and it was found that it had a head, a rounded base and engravings, some of them destroyed by the anthropic action. It was found that the arrangement of the eight cup-marks on the south face, if joined, would form the typical rectangular motif of the northwestern Iberian Peninsula statues-menhirs, so it should be included in this group and in the same generic age. This statue-menhir is out of place, although testimonies and popular traditions indicate that it would be close to its original context: on the coastal platform in front of Mount of Sanfins. It will have functioned as a symbol of identity and power marking a geostrategic place of encounter between populations for religious, social and exchange purposes.

Keywords: Statue-Menhir, Bronze Age, Negotiation, Identity and Power, Exchange.

1. Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT) / Departamento de História da Universidade do Minho / anabett@uaum.uminho.pt

2. Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT) e bolsheiro de pós-doutoramento da FCT na Universidade do Minho.

3. Instituto de Ciências da Terra, Polo da Universidade do Minho (ICT/UM); Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.

1. INTRODUÇÃO

A estátua-menir do Pedrão foi descoberta e alvo de publicação na década de 70 do século XX, tendo sido publicada como estátua-menir de São Bartolomeu do Mar e inserida, cronologicamente, no Neo-Calcolítico (Jorge, 1978). Posteriormente foi republicada com maior detalhe (Jorge, Baptista e Gonçalves, 1986). Consta no Portal do Arqueólogo com o CNS 11114 e foi classificado como Imóvel de Interesse Público, através do Decreto .º 26-A/92, DR, I Série-B, n.º 126, de 1-06-1992.

Em julho de 2018 foram realizados trabalhos arqueológicos na sua envolvente, da responsabilidade de dois signatários deste trabalho (AMSB; MS-E) com o apoio dos restantes elementos da área da geologia (LG; PPS)⁴. Estes consistiram em sondagens em redor da estátua-menir, na limpeza do monólito, na observação litológica e arqueológica do mesmo e no seu levantamento fotogramétrico. Possibilitaram, ainda, uma observação detalhada do seu contexto físico.

Os objectivos deste trabalho consistiram em apurar se o imóvel se encontrava *in situ*, identificar restos de atividades que se relacionassem com as ações desenvolvidas em seu redor, precisar a sua cronologia, detalhar o seu modo de fabrico, a origem da sua matéria-prima e as alterações verificadas ao longo do tempo. Por fim pretendeu-se integrar este monumento nos contextos físicos e arqueológicos locais.

2. LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E CONTEXTO FÍSICO E AMBIENTAL

A estátua-menir localiza-se no local conhecido como Agra do Pedrão, no lugar de Baixo, união de freguesia de Belinho e São Bartolomeu do Mar, concelho de Esposende, distrito de Braga. As suas coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84, são: latitude: 41.34420 N; longitude: -8.47463 O. Encontra-se a uma altitude de aproximadamente 12 m (Figura 1).

4. Os trabalhos contaram com a participação de Diogo Marinho, João Sérgio Olival, Leandro Costa e Marco Almeida, alunos do 2º ano do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho, e Cláudia Vieira e Mafalda Soares, alunas do 3º ano do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho. Destaca-se, ainda, a colaboração do aluno de Mestrado em Arqueologia, Jorge Guedes e do doutor Hugo Aluai Sampaio.

O seu acesso faz-se pela Estrada Nacional nº 13 (EN 13) que liga Esposende a Viana do Castelo. Fica nas traseiras da Igreja Nova de São Bartolomeu e está sinalizado na EN 13, com uma placa.

Este imóvel localiza-se na plataforma litoral, a cerca de 750 metros da linha atual da costa constituída por praias de seixos rolados e de afloramentos de metassedimentos (xistos e quartzitos). A norte da estátua-menir passa um curso de água designado por Rego e a sul o Rego da Lagoa, desaguardo ambos no oceano atlântico. Nas imediações, para norte, brotam as nascentes de São Bartolomeu, ao qual a população atribuí poderes curativos. É de destacar que o monumento, se situa entre as fozes dos rios Cávado, a sul, e do Neiva, a norte.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, folha 5-C, de Barcelos, de Teixeira *et al.* (1969), o substrato geológico local é composto por depósitos de praias antigas e de terraços fluviais, sobre quartzitos com cruziana e scolithus do Ordovícico. Nas imediações, a nascente, eleva-se o Monte de Sanfins, cujo topo alcança 237 metros. Trata-se de um relevo residual granítico onde são bem visíveis inúmeros afloramentos de granitos, de duas micas, predominantemente biotíticos, e de grão médio (Figura 2), o designado Granito de São Lourenço (Pereira, 1992).

Do local usufruía-se um bom domínio visual sobre o meio circundante, nomeadamente para o oceano atlântico a noroeste, oeste e sudoeste. Para nascente, avistavam-se as vertentes íngremes do Monte de Sanfins; para norte, parte da plataforma litoral e o Monte do Castelo, já na margem oposta do Neiva, e para sul, a restante plataforma litoral.

A área de implantação deste monumento encontra-se urbanizada, encontrando-se a igreja nova de São Bartolomeu do Mar, a escassos metros, assim como diversas moradias, campos agrícolas e estufas (Figura 3).

O local, foi até há poucos anos, cultivado com milho e produtos hortícolas, nunca tendo sido alvo do plantio de árvores de fruto ou de vinha, segundo a informação oral dos moradores do local. Atualmente, está ajardinada uma pequena área em volta do monumento tendo aí sido colocada uma placa informativa com o desenho retirado da publicação de Jorge, Baptista e Gonçalves (1986) e um pequeno texto, em português, com base na referida publicação.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Conhecem-se diversos vestígios arqueológicos da Pré-história Recente e da Proto-história no aro de São Bartolomeu do Mar, embora nada esteja registado no Portal do Arqueólogo. São de destaque: i) um importante povoado Calcolítico localizado na vertente este do Monte de Sanfins/Monte Crasto, parcialmente destruído por uma pedreira clandestina (Bettencourt, 2013a); ii) o achado de dois machados metálicos (um plano e outro de tipo Bujões/Barcelos) e de uma espada curta, provenientes de uma zona de desmorte de pedra na base da vertente oeste do Monte de Sanfins, inseríveis entre as Idade do Bronze Antigo e Médio (Harbison, 1967; Junghans, Sangmeister e Schröder, 1968; Almeida, 1987; Comendador Rey, 1998; Bettencourt e Sampaio, 2017, entre outros); iii) o achado de materiais de superfície indicadores da existência de um povoado da Idade do Ferro, na base do Monte de Sanfins (Almeida, 1987). De destacar, ainda, indicações toponímicas que indiciam a presença de monumentos megalíticos funerários na plataforma litoral, em particular nos campos a oeste e noroeste da Igreja Velha⁵. Na freguesia de São Paio de Antas, conhece-se a necrópole de Belinho, considerada do Bronze Médio (Bettencourt, 1999, 2001) e a necrópole de cistas dos finais do Bronze Médio, inícios do Bronze Final de Agra das Antas (Ataíde e Teixeira, 1940; Soeiro, 1988; Cruz e Gonçalves, 1998/1999; Bettencourt, 1999). Para sudeste, na freguesia de Vila Chã, há três monumentos megalíticos com reutilizações da Idade do Bronze Inicial ou Médio. Trata-se de uma das mamoadas da Serra, da Antela da Portelagem e da Mamoa do Rápido (Bettencourt, 1999, 2013b). Ainda na freguesia de Vila Chã é de assinalar o povoado de Bitarados/Maindos (Bettencourt *et alii*, 2007; Cardoso e Bettencourt, 2008) e ocupação do Bronze Final do Castro de São Lourenço (Bettencourt, 1999). Na freguesia das Marinhas, deve assinalar-se a necrópole do Bronze Inicial/Médio da Cavaleira (Almeida, 1988; Bettencourt, 1999, 2011). De destacar, ainda, a presença de pias salineiras amovíveis, descoberta em toda a costa desde a foz do Neiva até à praia da Robaleira, nas Marinhas (Esposende) que recentemente têm sido atribuídas à Idade do Bronze por paralelos com uma pia contextualizada no sítio arqueológico de Carreço-praia,

5. Informação particular do Padre Franklin Neiva Soares.

Viana do Castelo (Bettencourt *et alii*, 2020; Bettencourt *et alii*, no prelo).

4. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Para um estudo correto deste monumento foi necessário proceder-se quer à sua limpeza quer a sondagens arqueológicas na sua envolvente.

4.1. Limpeza e estudo da estátua-menir

A estátua menir tinha a sua coloração original alterada devido à presença de fungos, líquenes e ações antrópicas. Tornou-se imperativo a sua limpeza para facilitar a caracterização do tipo de granito e a sua origem. A limpeza foi efetuada com escovas, de diversos graus de dureza, espátulas estreitas de madeira e água corrente. Esta possibilitou, ainda, a pesquisada de novas grafias (Figura 4).

Para tal, foi efetuada observação com luz diurna e artificial e realizado o seu levantamento fotogramétrico, posteriormente trabalhado no computador através dos programas Agisoft e Meshland.

Estes trabalhos contaram com a colaboração de dois subscritores deste trabalho (PPS e LG), geólogos de formação.

4.2. Sondagem arqueológica

Após a remoção das cascas de árvore seca que rodeavam a base da estátua-menir, inseriu-se a área a escavar numa quadrícula composta por quatro quadrados de 4 m² cada, designados por A1, A2, B1 e B2. Esta foi efetuada pelo Gabinete de Topografia da Câmara Municipal de Esposende. A área delimitada para escavação, com cerca de 16 m², foi a única possível, dado o revolvimento do terreno resultante de trabalhos anteriores (Figura 5).

A escavação iniciou-se com a retirada da UE 00 em todos os quadrados, seguida da UE 01 e da UE 02, até se encontrar geotêxtil de colocação recente, ali colocado aquando das intervenções realizadas em volta do monumento pela Câmara Municipal de Esposende.

Após o levantamento do geotêxtil nos quadrados B1 e B2 ficaram visíveis, em plano, quatro unidades estratigráficas distintas: a UE 04, a UE 05, a UE 6 e a UE 07. Nesse momento realizou-se uma limpeza do plano, que foi objeto de fotografia, descrição, desenho e interpretação. Posteriormente, iniciou-se a escavação da UE 05, no quadrados B2, inicialmente interpretada como correspondendo à vala de fundação da implantação do muro de cimento (UE

o3). No seguimento da escavação percebeu-se que a UE o5 não correspondia ao enchimento da vala de fundação do muro, bem individualizada, mas sim a solo agrícola muito perturbado pelos revolvimentos que a implantação do muro provocou. Escavaram-se, ainda, as UEs o6 e o7, correspondente a terras mais recentes e só, posteriormente, se retirou a UE o4. Paralelamente, iniciaram-se as escavações dos quadrados A1 e A2, deixando-se uma banquetta de 50 cm entre os quadrados para possibilitar uma leitura estratigráfica vertical.

No topo da UE o8, que corresponde a solos de deposição natural, verificaram-se inúmeras manchas preenchidas com sedimentos da UE o4, que correspondiam ao enchimento das depressões deixadas pelas relhas do arado nos depósitos sedimentares originais. A escavação da UE o8 prolongou-se em profundidade, no quadrado B2, para se perceber qual a sua espessura e facilitar o trabalho de interpretação de formação dos solos da plataforma litoral. Para tal foram retiradas amostragens de sedimentos, com o auxílio de um trado, chegando-se a cerca de 2,5 metros, profundidade a partir do qual se detetaram seixos rolados, provavelmente de um terraço marinho. Por forma a ilustrar a estratigrafia geral e a área de implantação da estátua-menir foi desenhado o perfil oeste dos quadrados B1 e B2, assim como o perfil sul dos quadrados A1 e B1 (Figura 6).

Como não foi visível a vala de fundação do monumento no perfil oeste do quadrado B2, que lhe passava a cerca de 10 cm, optámos por escavar até ao seu limite, para obter mais dados. Antes deste trabalho foi necessário escorar o monumento⁶.

Esta escavação possibilitou encontrar uma pequena vala de fundação da estátua-menir (UE 11), com enchimento idêntico à U4, embora com inclusão de seixos rolados, seixos graníticos angulosos, pedaços de cimento agarrado a tijolo e vidro. Foram tiradas fotografias gerais e de pormenor desta ocorrência, assim como efetuado um desenho do perfil que passava a nascente do monumento (Figuras 6 e 7).

Posteriormente o espaço de escavação foi coberto com geotêxtil e sedimentos tendo no topo sido colocada casca de árvore seca para que ficasse similar ao encontrado no início dos trabalhos.

4.2.1. Unidades estratigráficas

Tendo em conta a similitude das unidades estratigráficas encontradas nos diferentes quadrados podemos sintetizá-las deste modo: UE o0 – Sedimentos de coloração castanha escura, de composição areno-argilosa, composto por areia muito fina, medianamente compacto, com raízes e calhaus angulosos. Corresponde a um aterro; UE o1 – Sedimentos de coloração castanha clara, de composição limosa, compostos por limos e argilas, medianamente compactos, com calhaus angulosos. Incluí fragmentos de plástico recentes. Corresponde a um aterro; UE o2 – Sedimentos de coloração bege clara, de composição arenosa, compostos por areias finas, de elevada compactidade, com inclusão de calhaus angulosos. Incluí fragmentos de plástico, de papel e de vidro de cronologia recente. Corresponde a um aterro; UE o3 (Só ocorre nos quadrados B2, A1 e A2) – Muro composto por blocos de cimento de delimitação de duas propriedades agrícolas, de construção recente; UE o4 – Sedimentos de coloração castanha escura, de composição areno-limosa, composta por areias finas, de fraca compactidade. Incluí calhaus rolados e restos de cimento, assim como materiais recentes, como fragmentos de plástico. Corresponde ao solo agrícola; UE o5 (Só ocorre no quadrado B2) – Sedimentos de coloração heterogénea, com manchas amarelas e castanhas claras, de composição areno-limoso, compostos por areias finas, medianamente compactas, com inclusão de calhaus angulosos, carvões e conchas de caracol. Possui, ainda, fragmentos de plástico. Corresponde ao solo agrícola; UE o6 (Só ocorre no quadrado B1). Sedimentos de coloração castanha escura, de composição areno-limosa, composto por areias finas, de fraca compactidade, com inclusão de blocos e calhaus rolados e angulosos. Possui materiais recentes, como fragmentos de plástico. Corresponde a um aterro; UE o7 (Só ocorre nos quadrados A1, B1 e B2) – Sedimentos de composição heterogénea, que alternam entre alguns de composição limosa e de coloração castanha escura, com outros de composição arenosa, menos compacta e de coloração acinzentada. Incluí calhaus angulosos e integra fragmentos de plástico. Corresponde ao enchimento de uma vala de fundação para colocação de um tubo de plástico resultante das obras recentes; UE o8 – Sedimentos de coloração amarela escuro, de composição areno-limosa, composto por areias finas, medianamente compacto, com inclusão de calhaus. Corresponde a um solo não antrópico, proveniente de depósitos

6. Neste processo houve o cuidado de o escorar com madeira para não danificar a superfície do monumento.

antigos; UE 09 (Só ocorre no quadrado B2) – Sedimentos de coloração castanha escura, de composição limosa, compostos por areias finas, de fraca compacidade, com carvões. Possível depressão intrusiva na UC 08, proveniente das atividades da UE 05; UE 10 (Só ocorre no quadrado A1) – Bolsa sedimentar de coloração castanha escura, de composição areno-argilosa, composta por areias finas e de fraca compacidade. Inclui calhaus dispersos; UE 11 (Só ocorre nos quadrados A1 e A2, em volta da estátua-menir) – Sedimentos de coloração castanha escura, de composição areno-limosa, composta por areias finas, de fraca compacidade. Inclui seixos rolados, seixos graníticos angulosos, um pedaço de cimento agarrado a tijolo e vidro. Corresponde à vala de fundação recente de implantação da estátua-menir.

4.2.2. Espólio

Estando a área profundamente revolvida, a maioria do espólio encontrado é de cronologia recente. Referimo-nos a restos de plásticos, de cimento, tijolo e vidros. Entre estes destaca-se o aparecimento de um fragmento de uma pequena garrafa de Martini, de cor verde, que se encontrava no interior da pequena vala de fundação do menir (UE 11).

Nas UEs 04 e 05 foram registados alguns seixos rolado de quartzito, dispersos, assim como lascas desse material, aparentemente afeioadas. Provavelmente resultaram de perturbações dos terraços marinhos existentes sob a UE 08 que se foram misturando nos solos agrícolas resultantes de obras em profundidade, como a construção de poços⁷, etc.

Na UE 05, quadrado A2, foram encontrados dois seixos rolados de quartzito, com truncaturas em cada extremidade longitudinal, podendo classificar-se como pesos de rede.

Estes, muito homogéneos em termos de dimensões e de truncaturas, parecem antigos, embora se encontrassem descontextualizados⁸. O nº 1 mede 6,5 cm de altura, 4,8 cm de largura máxima e 2,4 cm de espessura. O nº 2 mede 5,9 cm de altura, 4 cm de largura máxima e 1,9 cm de espessura. Ambos são muito mais

7. De salientar que a cerca de 7 metros para sul-sudeste da estátua-menir existia um poço, atualmente tapado.

8. Apesar de existirem pesos de rede sobre seixo de quartzito até, pelo menos, o séc. XX, os que se observam no litoral norte foram realizados sob grandes seixos e apresentam truncaturas irregulares, sendo, portanto, muito distintos dos encontrados na escavação.

pequenos do que os restantes seixos rolados com ou sem afeioamento, encontrados no solo agrícola.

5. DESCRIÇÃO DA ESTÁTUA-MENIR

5.1. Descrição morfológica e grafias

O monumento da Arga do Pedrão corresponde a uma estátua-menir (e não a um menir como é usualmente designada) dado o seu carácter tridimensional e aproximadamente antropomorfo. Caracteriza-se por uma figuração muito abstracta do corpo humano, potenciada por dois estrangulamentos intencionais realizados na metade superior da face sul, que esboçam os ombros e a cabeça, cuja extremidade foi partida. A sua fratura é evidente pelo facto da superfície fraturada apresentar uma patine distinta da do resto da peça e pela existência de entalhes de cunhas. Tem quatro faces, atualmente orientadas para sul, norte, noroeste e nordeste (Figura 8).

A face virada para sul foi aplanada intencionalmente, apesar de conter uma saliência natural, um nóculo de biotites, na parte superior, e pequenas reentrâncias de origem natural. Foi aquela onde foram gravados mais motivos, parecendo ser a superfície para onde a audiência teria preferencialmente de olhar. Aí foram gravadas oito covinhas bem pronunciadas (quatro de cada lado) em posição central, na parte média do corpo da estátua-menir e dispostas segundo o eixo maior vertical. A sua disposição sugere, se mentalmente unirmos todas as covinhas, uma figura semi-retangular, similar à que ocorre noutras estátuas-menires e a que se dá o nome de estola ou de insígnia (Figura 8).

Através da observação noturna, com luz artificial, foi ainda encontrado um pequeno sulco que parece emergir a partir dos ombros mas que se perde na parte central da face sul, numa área superior às covinhas, devido ao facto de a superfície do imóvel ter sido alterada ou picada, por objeto metálico, nessa área.

As faces noroeste e nordeste são igualmente aplanadas, sendo a que está virada a norte mais estreita e arredondada. Com exceção desta, todas as restantes foram gravadas.

A face virada a noroeste é regular, mas apresenta uma saliência, disposta na diagonal na parte inferior, formada por uma concentração de biotite. Osetenta quatro covinhas, pouco pronunciadas, na parte inferior do imóvel que formam um alinhamento ligeiramente curvo, duas covinhas na zona centro, algo distanciadas entre si, e uma na parte superior,

na área do “ombro” da peça.

A face virada a nordeste apresenta uma superfície algo irregular, com uma saliência disposta na diagonal, na parte inferior e um estreitamento, na parte superior. Evidencia duas covinhas dispostas na diagonal, na zona centro.

A face norte, apresenta uma superfície uniforme, mas possui uma concavidade natural na parte média – inferior.

Durante a escavação verificou-se que a base da estátua-menir era arredondada, tendo sido afeiçãoada para o efeito (Figuras 7 e 9), pelo que é provável que a cabeça também fosse afeiçãoada.

Da base à fratura do topo o monólito mede 2,15 metros de altura. É mais espesso na base, em contacto como o solo, onde tem c. 72 cm. Na parte média tem c. 60 cm e na extremidade superior, à altura dos ombros, c. 40 cm.

Em corte tem uma forma trapezoidal com o eixo menor, arredondado, virado a norte.

Após a observação noturna foi possível verificar que esta peça foi polida em diferentes faces, provavelmente com a ajuda de seixos rolados de quartzito e, posteriormente, gravada por percussão.

Hoje encontra-se parcialmente picada, sobretudo na face virada a sul, o que terá destruído gravuras menos profundas.

Durante a escavação foi possível verificar que a estátua tinha sido pintada recentemente, com óleo queimado⁹.

5.2. Características litológicas

A rocha com que foi talhada a estátua-menir é um granito de duas micas (biotite e moscovite), de grão médio a grosseiro com presença de turmalina (Granito de São Lourenço). Este tem uma coloração que varia entre tons de cinza e amarelados, apresentando junto da base de uma das faces, uma zona com coloração avermelhada. As cores amareladas e avermelhadas são devidas à alteração do granito (oxidação da biotite) e estão associadas ao feldspato.

Ocorrem n bloco granítico da estátua-menir raros encraves¹⁰ micáceos de forma lenticular com di-

9. Tal facto foi relatado por um visitante que refere que o antigo proprietário não gostava da estátua-menir, tendo-a pintado com óleo queimado pensando que, assim, lhe tirava o valor.

10. Encraves – fragmentos de outra rocha inclusa na rocha ígnea.

mensões que variam entre 3 e 8 cm. Evidenciam-se, ainda, dois bandados¹¹ micáceos a saber: i) curto bandado na parte superior da face virada a sul, de direção oeste-este, de espessura ± 2 cm com algum quartzo e feldspato; ii) bandado penetrativo com ± 1 cm de espessura, observável na parte inferior da face com orientação nordeste-sudoeste, abrindo e continuado para o lado esquerdo em associação com quartzo e feldspato, inclinação para sul.

Observa-se que o granito está orientado, com uma estrutura planar, evidente na parte superior da face do menir com orientação nordeste-sudoeste, sendo que essa disposição é dada pelas micas, encraves e bandados micáceos.

A turmalina ocorre disseminada no granito, observando-se ainda dois alinhamentos rectilíneos com disposição oblíqua de inclinação contrária na face com orientação oeste-este, na sua metade inferior.

5.3. Lendas atribuída ao local

Segundo depoimentos de vários visitantes, residentes ou ex-residentes em São Bartolomeu do Mar, os relatos em torno da estátua-menir podem sintetizar-se em três ideias base: i) quando tirarem a pedra o mar avança; ii) a pedra ia sendo tirada e voltava sempre a aparecer no mesmo lugar; iii) no dia de São Simão chegou o mar ao pedrão.

6. DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES

O resultado dos trabalhos arqueológicos em redor do menir da Agra do Pedrão possibilitaram perceber que este monólito não se encontrava *in situ*, mas que a sua mudança de local se verificou durante o séc. XX, tendo em conta os materiais encontrados na sua vala de fundação e as fotografias publicadas por Sereno e Dórdio (1994) que o mostram na posição onde se encontra.

Algumas pessoas de idade, inquiridas sobre o seu local de implantação, referiram que, originalmente, ele estaria mais para nascente, ou seja, mais perto das traseiras da igreja e onde hoje se encontra o caminho empedrado, o que inviabilizou escavações nesse local. Referiram-nos, ainda, que estava mais perto do poço que ali existiu (hoje soterrado), e que foi mudado porque atrapalhava a extração de água

11. Bandado – estrutura ígnea com bandas de variação mineralógica.

que ali se fazia com a ajuda de gado bovino que mal conseguia passar entre o monumento e o poço.

Ao ser assim, este monumento não estará muito deslocado da sua posição original até porque, na memória da população local, sempre esteve na propriedade conhecida como Agra do Pedrão que era mais vasta e ocupava parte dos terrenos onde hoje se encontram as estufas (a oeste), o caminho empedrado (a este) e uma moradia (a sul). De salientar que se trata de um monumento de peso considerável, pelo que a sua deslocação, por muitos metros, no âmbito da mesma propriedade, não teria grande sentido. Também é significativo que, pelo menos desde os anos 40 do século XX, as pessoas de idade comentassem que *pelo S. Simão vinha o Mar ao Pedrão*. Expressão que poderá, eventualmente, relacionar-se com os efeitos do tsunami no noroeste da Península Ibérica, resultante do sismo de 1755, que ocorreu no dia 1 de novembro (Amaré Tafalla, Orche García e Puche Riart, 2005), ou seja, pelo S. Simão, que se festeja desde os dias 28 de outubro a 2 de novembro, consoante as regiões. Assim sendo a estátua-menir estaria na plataforma litoral, desde, pelo menos, os finais do séc. XVIII.

Em termos dos aspectos técnicos pode afirmar-se que foi elaborada a partir de um bloco de granito de duas micas de grão médio (granito de São Lourenço), com predomínio da biotite, granito este aflorante a cerca de 0,5 km para leste e de 1 km para norte. Este facto pode, também constituir-se como mais um factor de que teria sido erguida nesta área genérica. Atendendo a que não foi possível obter dados diretos para a sua datação, esta foi estabelecida com base em paralelos para o motivo sugerido pelas oito covinhas da face sul. Trata-se de uma iconografia comum nas estátuas-menires do Centro-Norte de Portugal e sul da Galiza que têm sido datadas da Idade do Bronze¹², pelo que se crê poder inserir este monumento nesta cronologia genérica.

Apesar das dificuldades em relacionar os pesos de rede com a estátua-menir e da descontextualização de ambos os achados, à microescala, é de notar que estes artefactos ocorrem, pela primeira vez, em contextos da Idade do Bronze, pelo que poderiam de certa forma estar relacionados.

Apesar de deslocada esta estátua-menir teria sido erguida na plataforma litoral que é, genericamente,

um lugar de fácil circulação, perto de enseadas marítimas passíveis de atracagem e das fozes dos rios Neiva e Cávado navegáveis. Tendo em conta a própria morfologia do monumento, com mais de 2 metros de altura este seria facilmente visível de longe para quem por aqui circulasse, sendo, certamente, um marco espacial importante, um local de paragem, um *locus* aglutinador ou um local geoestratégico de encontro quer entre gente que viveria no território, quer entre estes e populações alógenas, conhecedoras da simbologia destes monumentos e das suas grafias, mesmo que só esboçadas (Figura 10).

Há que ter em consideração que a estátua-menir fica em frente do Monte de Sanfins, de grande impacto visual e verdadeiro marco para a circulação terrestre e para a navegação por cabotagem para quem navega quer de norte quer de sul. Trata-se de uma das orografias mais salientes da plataforma costeira, avistável de muito longe e provavelmente de grande valor simbólico para as populações (um Monte Sacro?) que, pelo menos durante o Bronze Inicial e Médio aí evocaram ou celebraram as suas propriedades através de deposições de artefactos metálicos, como um machado plano, um machado de tipo Bujões/Barcelos e uma espada curta (Junghans, Sangmeister e Schröder, 1968; Comendador Rey, 1998; Bettencourt e Sampaio, 2017).

Deste modo a estátua-menir do Pedrão, poderia ter funcionado como um símbolo identitário e de poder local das populações litorais face a outras que aqui passassem ou aportassem, quiçá representando uma divindade, um antepassado comum, um herói mítico ou um personagem real, talvez com poderes mágicos. Localizada num lugar liminar entre a terra e o mar e em rede com outros lugares vivenciados, sinalizaria um epicentro de múltiplas funções: religiosas, sociais e de intercâmbio (sal, estanho, ideias), numa sociedade onde estas divisões não teriam o sentido que hoje se lhe conferem. Seria, talvez, um lugar em que se repunha a ordem do mundo [uma heterotopia no sentido em que Foucault (1984) descreve este conceito]. Um lugar fora de todos os lugares, perfeito, meticoloso, ordenado face aos restantes, desordenados e improvisados. Um lugar onde se justapõe, num só lugar, vários espaços incompatíveis, simultaneamente fechado e aberto a diferentes comunidades.

A importância deste monumento no passado perdurou, de forma reinventada, na memória popular, através das “estórias” que sobre ele se contam

12. Sobre estátuas-menir consultar a obra coordenada por Vilaça (2011).

e que subentendem que teria propriedades benéficas e protetoras (pois se sair dali, o mar entra) e que está encantada (pois foi levada mas volta sempre ao seu lugar).

Pela importância e raridade de monumentos deste tipo na fachada litoral do Noroeste Ibérico, seria de todo desejável que a sua área de proteção fosse aumentada no cumprimento da lei, e libertada de muros e de estufas que lhe tiram a espetacularidade de outrora.

Por ser um lugar muito frequentado por visitantes de nacionalidade portuguesa e estrangeira¹³ (há sinalética na estrada nacional que indica menir) seria conveniente uma placa sinalizadora com informação em várias línguas, pelo menos inglês e francês, atualizada em termos científicos e menos impositiva do que a existente, que por ser muito alta, tapa a visibilidade para o que se pretende mostrar.

AGRADECIMENTOS E APOIOS

Os autores agradecem à Câmara Municipal de Esposende, à união de freguesias de Belinho e de São Bartolomeu e ao agrupamento de escuteiros de São Bartolomeu do Mar os apoios prestados durante os trabalhos de campo. Este trabalho foi realizado no âmbito dos seguintes projetos: *Arte Rupestre do Noroeste Ibérico. Liminaridade e Heterotopia* (referência SFRH/BSAB/114296/2016), da responsabilidade de Ana M. S. Bettencourt e *Paisagem e Representação do Poder na Pré-história Recente: Arte Atlântica e Estátuas-Menir*, desenvolvido por Manuel Santos-Estévez no âmbito da Bolsa de pós-doutoramento da FCT, ref. SFRH/BPD/93700/2013.

13. Durante as quatro semanas que duraram os trabalhos de campo foram muitos os visitantes de vários pontos de Espanha, de França, dos Países Baixos e da Alemanha que, perante falta de informação em inglês, na placa ali colocada, frequentemente nos interpelavam para saber mais sobre o monumento.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos A.B. (1987) – Carta arqueológica do concelho de Esposende, *Boletim Cultural de Esposende*, 11/12, pp. 93-109.

ALMEIDA, Carlos A.B. (1998) – *Esposende. Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, Esposende: Câmara Municipal.

AMARÉ TAFALLA, María Pilar; ORCHE GARCÍA, Enrique; PUCHE RIART, Octavio (2005) – Efectos del Terremoto de Lisboa de 1 de Noviembre de 1755 en la Antigua provincial de Tuy (Galicia), *Cuadernos Dieciochistas*, 6, pp. 117-152.

ATAÍDE, Alfredo; TEIXEIRA, Carlos (1940) – A Necrópole e o esqueleto de S. Paio de Antas e o problema dos vasos de largo bordo horizontal, *I Congresso do Mundo Português*, Vol. I, Lisboa, pp. 667-683.

BETTENCOURT, Ana M.S. (2013a) – *A Pré-história do Noroeste de Portugal*, (Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 2). Braga/Tomar: CITCEM/ARKEOS.

BETTENCOURT, Ana M.S. (2013b) – A necrópole megalítica do planalto de Vila Chã, Esposende, In BETTENCOURT, Ana M.S. *A Pré-história do Noroeste de Portugal* (Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 2). Braga/Tomar: CEIPHAR, CITCEM, pp. 155-162.

BETTENCOURT, Ana M.S.; SAMPAIO, Hugo A. (2017) – The Middle and the beginning of the Late Bronze Age in the north-western Iberian Peninsula. In LACHENAL, Thibault; MORDANT, Claude; NICOLAS, Théophile; VÉBER, Cécile, eds. – *Le Bronze moyen et l'origine du Bronze final en Europe occidentale (XVII^e-XIII^e siècle av. J.-C.)* (Monographies d'Archéologie du Grand Est 1). Strasbourg, pp. 365-385.

BETTENCOURT, Ana M.S.; DINIS, António; CRUZ, Carlos; SILVA, Isabel S. (2007) – A estação arqueológica de Bitarados, Vila Chã (Esposende – Norte de Portugal), *Boletim Municipal de Esposende*, série 2, 1, pp. 3-16.

BETTENCOURT, Ana M.S.; LUZ, Sara; SIMÕES, Pedro P.; ALVES, Maria Isabel C.; ABAD-VIDAL, Emilio (no prelo) – Bronze Age sea salt production in Northwest Iberian Peninsula. In MARCIGNY, Cyril; MORDANT, Claude, eds. – *Bronze 2019: 20 ans de recherches*. (Suppléments au Bulletin de l'APRAB). Dijon: APRAB.

BETTENCOURT, Ana M.S.; LUZ, Sara; OLIVEIRA, Nuno; SIMÕES, Pedro P.; ALVES, Maria Isabel C.; ABAD-VIDAL, Emilio (no prelo) – Produção de sal marinho na Idade do Bronze do Noroeste de Portugal. Alguns dados para uma reflexão. In ARNAUD, José M., NEVES, César e MARTINS, Andrea, *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*, Lisboa.

CARDOSO, João Luís; BETTENCOURT, Ana M.S. (2008) – Caça e pastorícia no Calcolítico do Noroeste de Portugal: estudo dos restos ósseos da estação arqueológica de Bitarados, *Estudos do Quaternário*, 5, pp. 79-86.

COMENDADOR REY, Beatriz (1998) – *Los Inicios de la Metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica* (Brigantium 11). A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de Santo Antón.

CRUZ, Domingo J.; GONÇALVES, António H.B. (1998/1999) – A necrópole de Agra de Antas (S. Paio de Antas, Esposende, Braga). *Portugália*, 19-20, pp. 5-27.

FOUCAULT, Michel (1984) – Dits et Écrits, *Architecture, Mouvement, Continuité*, 5, pp. 46-49.

HARBISON, Peter (1967) – Mediterranean and Atlantic elements in the Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia, *Madrid Mitteilungen*, 8, pp. 100-122.

JORGE, Vítor O. (1978) – O megalitismo do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, 88, pp. 431-452.

JORGE, Vítor O.; BAPTISTA, António M.; GONÇALVES, António A.H.B. (1986) – Menir de S. Bartolomeu do Mar (Esposende), *Boletim Cultural de Esposende*, 9-10, pp. 13-20.

JUNGHANS, Siegfried; SANGMEISTER, Edward; SCHRÖDER, Manfred (1968) – *Kupfer und Bronze in den frühen Metallzeit Europa. Die Materialgruppen beim Stand von 12000 Analysen II.* (Studien zu den Anfängen der Metallurgie 2). Berlin: Mann.

PEIXOTO, António M.; SOARES, Franquelim N.; MACHADO, Jaime C.; AZEVEDO, Manuel S.; CAPITÃO, Orlando M.; CEPA, Paula C. (2005) – *Memórias de São Bartolomeu do Mar, geografia, cadastro, toponímia e património*, Vol. 2, São Bartolomeu do Mar: Centro Social da Juventude de Mar.

PEREIRA, Eurico (coord.) (1992) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1:200000 e notícia explicativa da folha 1*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

SERENO, Isabel; DÓRDIO, Paulo (1994) – Menir de São Bartolomeu do Mar. Portugal, Braga, Esposende, União das freguesias de Belinho e Mar, *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*, DGPC, consultável em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1100

SOEIRO, Teresa (1988) – A propósito de quatro necrópoles Proto-históricas do concelho de Esposende. *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura (Esposende 1985)*. Esposende: Câmara Municipal, pp. 35-62.

TEIXEIRA, Carlos; MEDEIROS, Armando Cândido; ALVES, Carlos Alberto M.; MOREIRA, Maria M. (1969) – *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50.000: notícia explicativa da folha 5-C, Barcelos: estudos petrográficos*, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

VICENTE, Eduardo P.; MARTINS, Adolfo A.S. (1979) – Menires de Portugal, *Ethnos*, 8, pp. 107-138.

VILAÇA, Raquel (2011) – *Estelas e Estátuas-menires: da Pré à Proto-história. Actas das IV Jornadas Raianas*. Sabugal: Câmara Municipal do Sabugal.

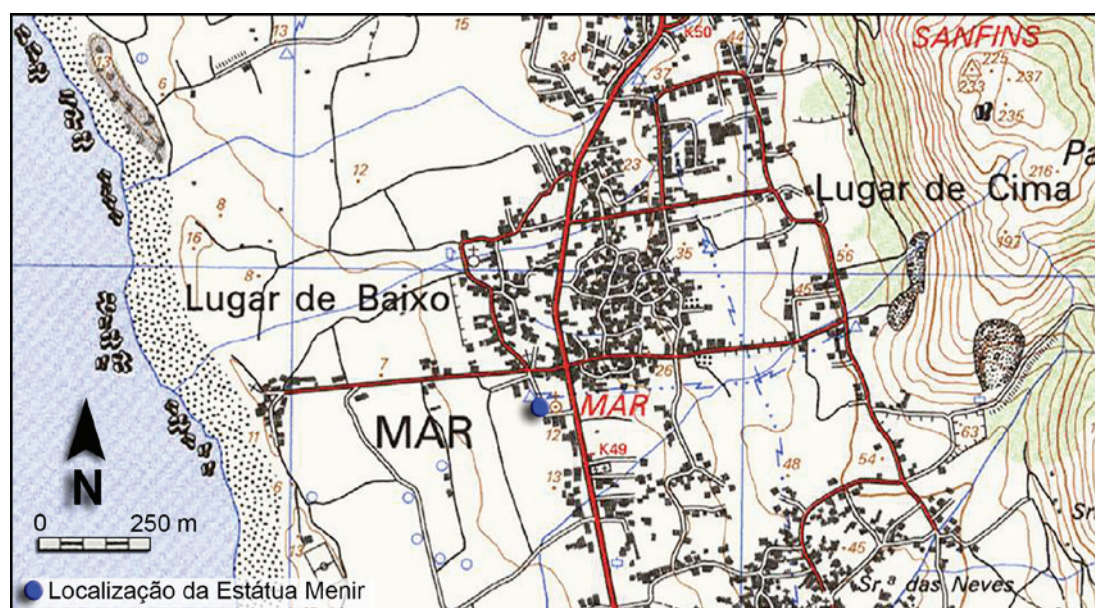


Figura 1 – Excerto da Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25 000, nº 54 – Marinhas – Esposende, Lisboa: IGE, 1997, com a localização atual da estátua-menir.

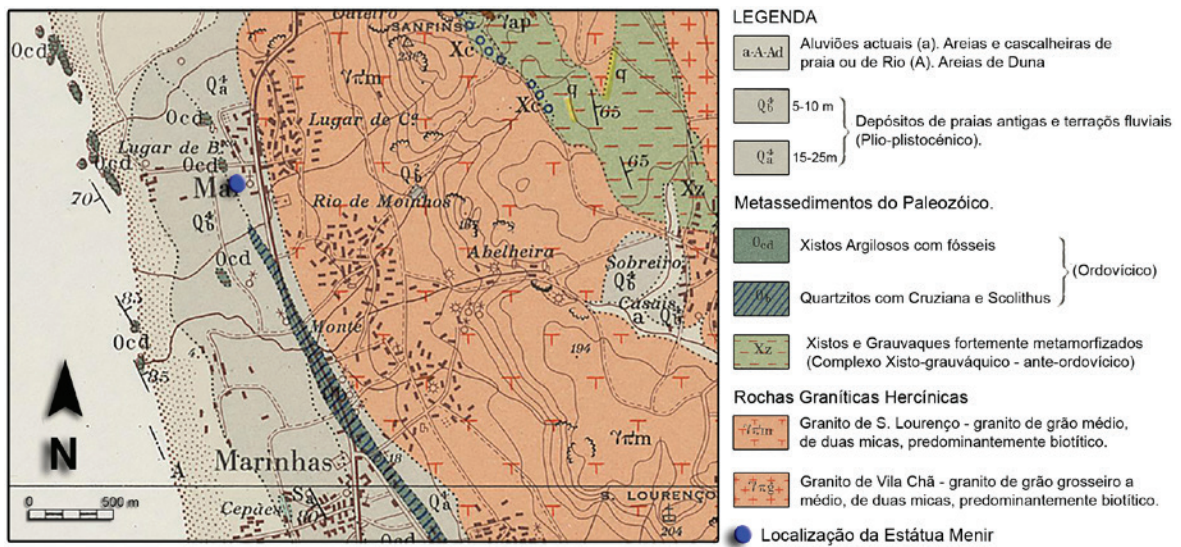


Figura 2 – Localização da estátua-menir em extrato da Carta Geológica de Portugal na escala 1: 50 000, folha 5-C, de Barcelos.



Figura 3 – Contexto atual da estátua-menir.



Figura 4 – Estátua-menir antes e depois da limpeza.

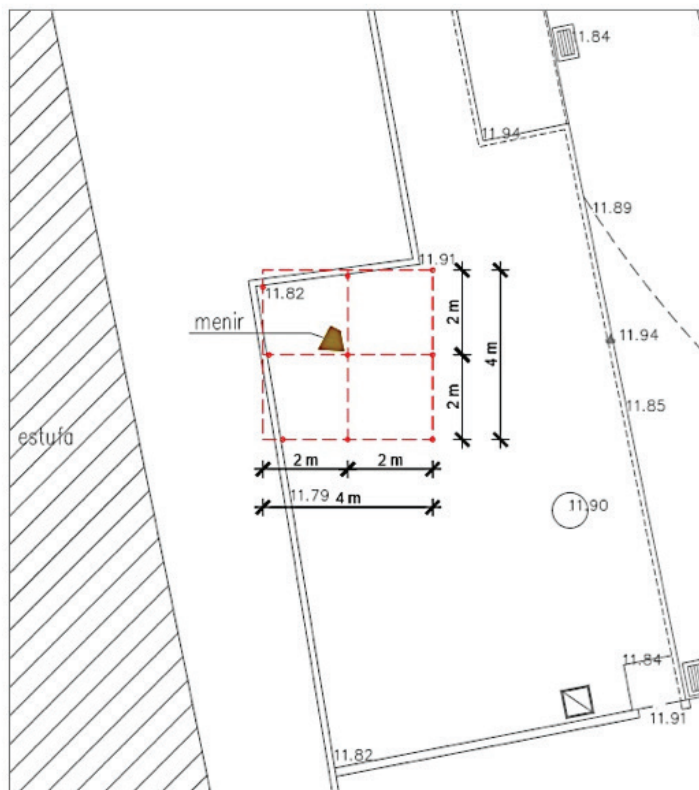


Figura 5 – Implantação da quadrícula de escavação com localização do menir (Gabinete de topografia da Câmara Municipal de Esposende).

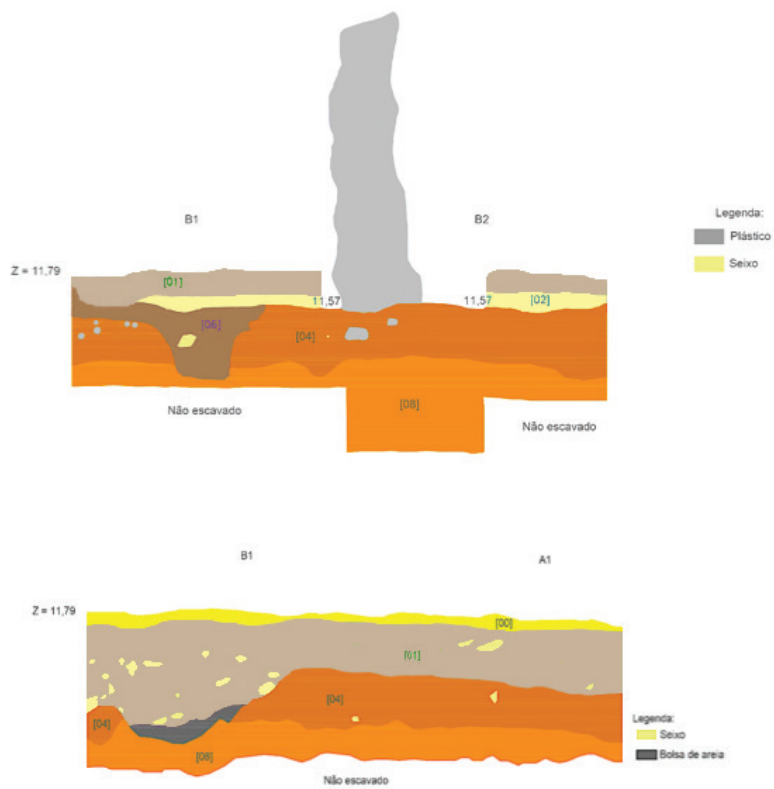


Figura 6 – Topo: perfis oeste dos quadrados B1 e B2 onde se pode observar a vala de fundação de um tubo a inexistência de vala de fundação de implantação do menir Em baixo: perfil sul dos quadrados B1 e A1.



Figura 7 – Escavação da face nascente do monumento onde se pode verificar que a sua vala de fundação se abriu no solo agrícola e foi preenchida com sedimentos desse solo, motivo pelo qual a sua identificação se tornou difícil.



Figura 8 – Levantamento fotogramétrico da estátua-menir do Pedrão com as covinhas sombreadas.

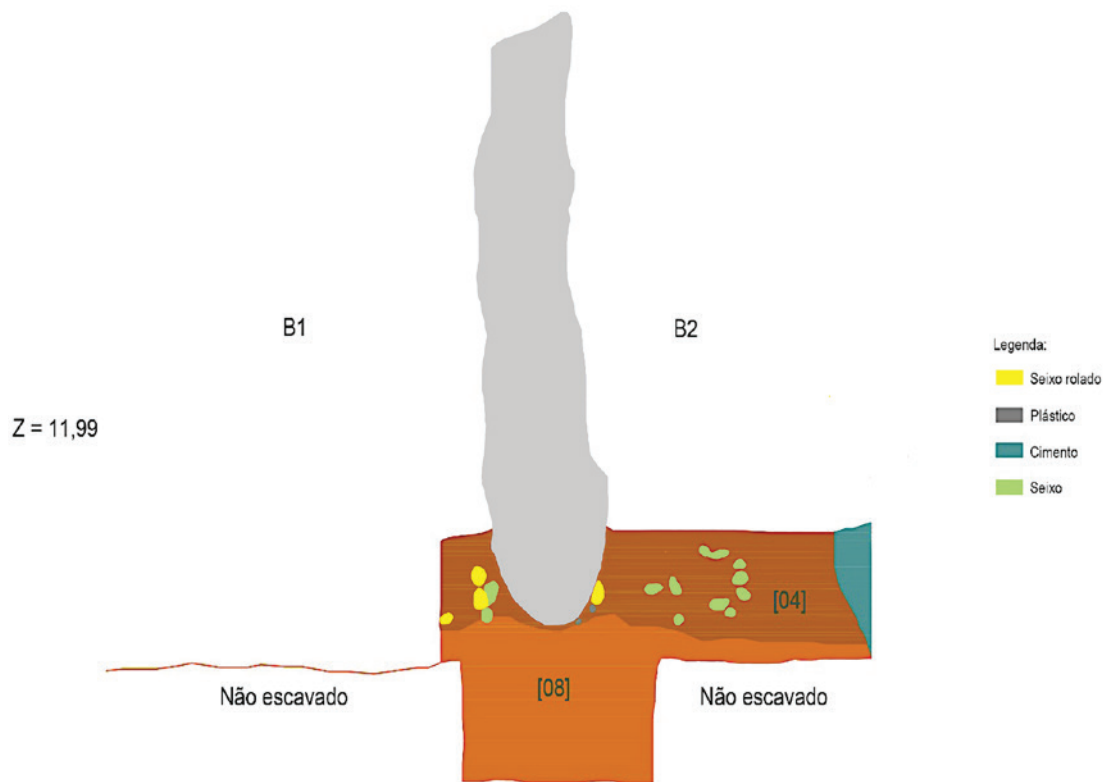


Figura 9 – Perfil da estátua-menir no perfil do quadrado B2.

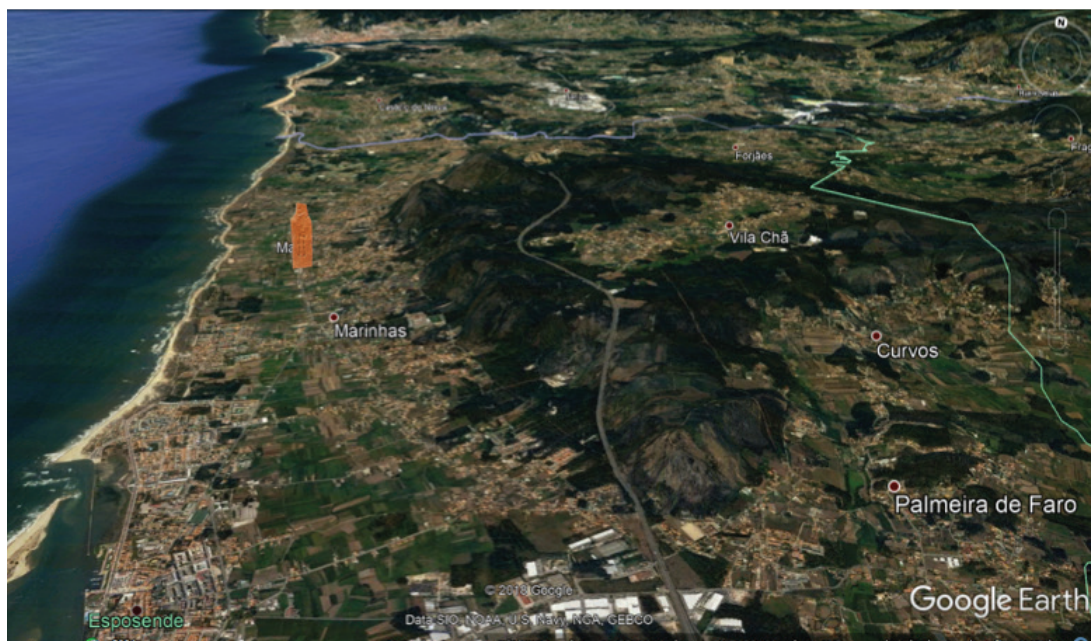


Figura 10 – Estátua – menir no contexto da plataforma litoral entre o rio Cávado, a sul, e os rios Neiva e Lima, este, em último plano, sobre imagem do Google Earth.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

